



Notas Políticas: o jornal A Razão e o jornalismo político de Plínio Salgado¹

Maurício Parada (PUC-Rio/ Universidade Salgado de Oliveira)²

Resumo

Essa comunicação propõe uma análise da atuação de Plínio Salgado como redator do jornal A Razão entre junho de 1931 e maio de 1932. Seus escritos, mais de 300 textos, publicados na coluna Notas Políticas definiam linha política do jornal. Uma vez no exílio, Salgado reorganizou esse material e o publicou sob o título de *A Madrugada do Espírito*. Para este livro, publicado em 1946, se reinventou como pensador doutrinário do nacionalismo conservador brasileiro. Os textos escolhidos, alguns dos quais analisados no presente trabalho, tem como linha argumentativa o que poderíamos denominar de “crítica à modernidade”. A experiência na redação de um jornal associado à tradição do jornalismo político brasileiro deu ao futuro líder integralista a dimensão do papel dos meios de comunicação na organização política das massas.

Palavras-chave

Jornalismo político; Plínio Salgado; integralismo

¹ Trabalho apresentado ao GT de Jornalismo, do V Congresso Nacional de História da Mídia, Facasper e Ciec, São Paulo, 2007.

² Graduado em História pela Universidade Federal Fluminense (1988), com mestrado em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1994) e doutorado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2003). Atualmente é professor do mestrado da Universidade Salgado de Oliveira e professor agregado da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. mparada@iq.com.br



Em outubro de 1930, regressando de uma viagem ao Oriente Médio e Europa, Plínio Salgado desembarca no país um dia após o início da revolução que derrubaria Washington Luís. Após algumas incertezas – escreveu dois artigos no *Correio Paulistano* em defesa do governo deposto –, passou a apoiar o novo governo. Em junho de 1931, tornou-se redator do recém-fundado jornal *A Razão*, que defendia a política varguista na capital paulista. Nesse período, em seus textos diários, estabeleceu os princípios doutrinários de sua ação política e desenvolveu uma singular reflexão sobre o sentido da modernidade. Em sua análise, Plínio Salgado anuncia o fim do século XIX e prenuncia o início de um período de sofrimento universal: um homem triste condenado ao descarnado mundo da máquina.

Após a Revolução de 1930, a opinião pública paulista estava dividida em torno da constitucionalização do país. De um lado, setores muito atuantes em São Paulo reclamavam a convocação imediata da Assembléia Constituinte em nome dos valores liberais. De outra parte, as correntes antiliberais do tenentismo, organizadas em torno do Clube 3 de outubro, postulavam com firmeza uma política contrária à reconstitucionalização do país. A posição de Salgado, expressa diariamente em uma coluna denominada “Nota política”, é de franco apoio ao grupo tenentista, abrindo uma linha de oposição aos setores dominantes paulistas.

O jornal *A Razão* foi fundado em meados de 1931 por Alfredo Egydio de Souza Aranha, a quem Plínio estava ligado desde a cisão do PRP (Partido Republicano Paulista) durante o governo Washington Luís. Trabalhara por dois anos no seu escritório de advocacia e fora preceptor de seu filho – o que lhe permitiu viajar pela Europa e pelo Oriente. Além de Plínio Salgado, fazia parte da equipe de *A Razão*, Santiago Dantas, Mário Graciotti, Nuto Santana e outros. O jornal tem existência curta, cerca de um ano. Em 23 de maio de 1932, suas instalações são destruídas por uma multidão revoltada com a repressão ao movimento constitucionalista, que causara a morte dos estudantes Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo.

Segundo Maria L. Tucci Carneiro, o jornal *A Razão* teve um papel fundamental neste momento de indefinições ideológicas, dando amplitude divulgação às idéias de Plínio



Salgado. Este periódico tornou-se um dos principais veículos de comunicação propagadores do pensamento conservador e direitista, colaborando para a implementação das bases político-ideológicas do Integralismo.

Segundo Chasin, é neste periódico que encontramos o maior número de artigos de Plínio Salgado identificados com as idéias fascistas. Para Ludwig Lauerhass Jr., este foi o primeiro jornal nacionalista do Brasil, no sentido de defender um projeto ideológico explicitamente voltado para definição do “ser brasileiro”.

As idéias fermentadas em *A Razão* encontraram continuidade na Sociedade de Estudos Políticos-SEP, criada em 1932, como um núcleo de estudos que contribuiu para a construção do movimento recém-nascido: o Integralismo. Segundo Carneiro, o SEP atuou como um espaço de debates e de encontro entre intelectuais paulistas. A SEP foi responsável pela divulgação da literatura fascista produzida na Europa e no Brasil. Atuando neste mesmo núcleo, Salgado liderava um grupo que se apresentava como defensor de um "regime fundado na realeza e no catolicismo"

A SEP, que ocupava espaço na sede do jornal *A Razão*, agitava o grupo de intelectuais conservadores paulista, clamando por soluções práticas. Em questão estava transformar o debate das idéias em uma linguagem mais que permitisse a ampliação de sua base de correligionários e é claro potencializasse sua capacidade de ação política.

Em maio de 1932, durante uma reunião da SEP, que Plínio Salgado sugeriu que se organizasse um órgão que assumisse a divulgação da doutrina através de uma ação prática: criava-se naquele momento a Ação Integralista Brasileira

A ponte de ligação entre os intelectuais de São Paulo e os do Rio de Janeiro, era feita através da *Hierarchia*, revista de tendência fascista, dirigida por Lourival Fontes. A este somava-se um outro grupo de acadêmicos de Direito ligados á *Revista de Estudos Jurídicos e Sociais*, além de Raimundo Padilha e Madeira de Freitas, futuros dirigentes integralistas.

Esse período foi importante na história política e intelectual de Plínio Salgado. O conjunto de artigos de *A Razão* mostra a evolução do pensamento de Salgado com relação à Revolução de 1930: do colaboracionismo e do reconhecimento dos aspectos positivos do novo Estado à crítica ao governo provisório na medida em que esse permitia vislumbrar a restauração democrático-liberal. Nesse período, publicou cerca de 300 de suas “Notas políticas”, que deram a diretriz editorial do jornal e fixaram as bases ideológicas do que seria, pouco tempo depois, o movimento integralista. Ainda em 1931, publicou o romance *O Esperado* e redigiu o *Manifesto da Legião Revolucionária de São Paulo*.

O Esperado é um romance cuja história gira em torno de um projeto de lei em discussão no legislativo que daria a uma companhia inglesa o controle sobre a venda de café brasileiro no mercado internacional. A disputa pela aprovação do projeto coloca em conflito os interesses ingleses, americanos e nacionais, cada um representado por personagens que expressam a fragilidade da ordem democrático burguesa. Na última parte do romance, o defensores e adversários do projeto de lei se defrontam na rua. O romance termina com o delírio do personagem Edmundo Milhomens, que sob o efeito da febre, sente o “rumor de passos....[de um] Brasil andando....[de] multidões que crescem de todos os lados”. De certo modo o delírio do personagem coincide com a decisão messiânica de Salgado em organizar um movimento de massas que crie um novo sentido de nacionalidade para o Brasil.

A Legião Revolucionária foi criada por Miguel Costa em São Paulo logo após a Revolução de 1930 e foi o principal sustentáculo da interventoria de João Alberto Lins e Barros. A Legião foi desarticulada em 1932 pouco depois da Revolução Constitucionalista de 1932. Em 4 de março de 1931, foi lançado o manifesto programático da Legião, sendo Plínio Salgado seu principal redator. Em linhas gerais, o documento defendia um estado forte com poderes para interferir na economia e dirigir a produção. O Estado deveria ter sua ação estendida e o individualismo burguês mantido sob controle. O manifesto teve pouca repercussão política, foi duramente atacado e, logo após, Salgado deixou a Legião. Esse texto, no entanto, seria a base do Manifesto Integralista.

Considerando o intenso momento de formação pelo qual Plínio Salgado passou entre 1931 e 1932, o objetivo desse trabalho é analisar quatro textos escritos nesse período e reunidos em um volume publicado em 1946 – organizado durante o exílio em Portugal – e denominado de *Madrugada do Espírito*. Este livro pode ser associado a outros, como *A vida de Jesus (1942)* e *O Rei dos Reis (1945)*, perfazendo um ciclo de intensa religiosidade. São textos escolhidos pelo próprio autor. Neles, Salgado reconhece o que há de mais expressivo em seu pensamento, “o qual é um pensamento que ‘vem do cristo e vai para o cristo’”.

A escolha retrospectiva dos textos pretendia criar umnexo entre dois tempos, o do militante político de 1931 e o do crente fervoroso de 1946. A linha de coerência recaiu no que poderíamos denominar de “crítica à modernidade”. Sobre ela, Salgado percorreu seus escritos publicados em *A Razão* e escolheu como os mais importantes aqueles em que abordava de forma crítica a mecanização da vida moderna (*O mundo que prepara a catástrofe* e *O século do Jazz-Band*), a revolução russa (*O outro Lado do Espírito*) e o conceito de liberdade política (*Marcha Fúnebre*), situações e momentos claramente identificados por ele como associados a uma decadência ou crise do pensamento ocidental, uma vez que abandonavam a linha mestra que conduziu os homens à civilização: a tradição cristã.

Em *O mundo que prepara a catástrofe*, o tema principal é a “tragédia surda dos espíritos” contemporâneos, denominada por Ricardo Benzaquen da “miséria da razão”, ou seja, o avanço de uma civilização descarnada de valores espirituais que opera uma obra desagregadora e destrutiva para o homem comum. Seu ponto de partida é a existência de uma crise na condição humana provocada pelo desenvolvimento das cidades e das riquezas da vida moderna: “nunca o homem dominou mais os elementos, nunca imperou melhor sobre a natureza. (...) Rufam os tambores; gritam locomotivas; fonfonam os automóveis; uivam as sereias das fábricas; estrondam as usinas; mugem os navios; sibilam polés; estridulam guindastes; cantam rádios... É a sinfonia planetária”. Usando uma forma narrativa extremamente moderna, a qual conhece bem, Salgado arremete contra a modernidade.



Toda a riqueza da antiguidade, prossegue o autor, é insignificante frente às máquinas, que produzem substituindo a mão-de-obra de milhares de homens, pelo esplendor da civilização urbana. No entanto, nunca o ser humano viveu em tamanha confusão. O trabalho, outrora realização criadora, tornou-se mera repetição, ato mecânico que torna o homem moderno em um “boneco de carne”, que no seu agir se compara e se equivale a própria máquina. Aliás, a máquina tem diversas vantagens sobre o homem: “não faz greves, não tem coração para amar nem boca para falar”. Nestas condições, a máquina conquistou, diz Salgado, a superioridade social sobre o homem.

Para demonstrar o avanço desse maquinismo, Salgado recorre à casa como exemplo. Todas, segundo ele, submetidas à mesma planta, à mesma fisionomia, impõe a cada ser humano um ritmo idêntico de movimentos, “anulando a personalidade para que triunfe a coletividade”, um coletivo dominado pela máquina cujo sentido é a redução ao inanimado: “A racionalização desracionalizante. O homem-tipo, como a máquina-tipo (...) o trabalho como finalidade do trabalho. A morte total do espírito”. Vencido pela máquina o homem procura criar o regime político que a agrade, um homem cívico que aceita ser governado pelos “Sumos Sacerdotes do Ateísmo”, por uma razão descarnada que aceita a técnica como a “mais moderna expressão mística”. O avanço do materialismo trazido pela modernidade é o centro da “tragédia surda dos espíritos contemporâneos”.

A negatividade da modernidade ganharia profundidade em *O século do Jazz-Band*. Salgado iniciaria o texto com uma nota fúnebre: “o século XIX está morrendo em pleno século XX. (...) basta auscultar o mundo de hoje, para se sentir que alguma coisa agoniza”. Inadaptados à velocidade e à máquina, os angustiados espíritos do século XIX se debateriam contra a morte. Desambientados ao próprio tempo, todos procurariam fugir da realidade da existência excitando os sentidos: “uns fogem nos vapores do álcool; outros nos entorpecentes (a cocaína e a morfina); outros na paixão do jogo; outros no delírio dos esportes de sensação; outros nos excessos dos prazeres sexuais”.

Seria na música que a modernidade expressaria sua intensa negatividade. O jazz seria conduzido por uma melodia amargurada que fluiria por detrás dos saxofones como um “rio

de lágrimas”. O espetáculo ruidoso dos grandes “dancings’ modernos seria feito para tontear e obscurecer a mente: as luzes ofuscantes e agressivas, a bizarrice dos vestidos e as emanações do perfumes seriam prenúncios de que estaríamos vivendo a era do hipnóticos de toda a espécie. O hino “da humanidade não é mais a ‘Marselhesa’ (...) é o ‘Jazz’ (...) ele tem gosto de cocaína e parece a marcha fúnebre do prazer.” A cultura de massa como alienação e negatividade foi um tema recorrente no pensamento social na primeira metade do século, mas em Salgado ele ganha a especificidade da crise espiritual. A moderna civilização da máquina, hipnótica e excitante, teria um dimensão negativa porque seu materialismo, ao “libertar” o homem mataria seu espírito, que seria essencialmente cristão. Como consequência desse raciocínio ele afirma: “todo o século XIX foi um movimento no sentido de arrancar o homem da tristeza do cristianismo (...)o cristianismo, porém, produziu Miguel Ângelo; o anti-cristianismo apresenta-nos as telas dadaístas, a pintura e a escultura de deformidades e desesperos.”

A relação entre o materialismo e as multidões febris das fábricas ganharia sentido político no bolchevismo. Em *O outro Lado do Espírito*, o tema teria início com um comentário de Salgado sobre a construção, em 1931, de uma monumental estátua de Lênin na União Soviética. Desse momento em diante a humanidade teria a figura do “grande ídolo do regime vermelho e [a sua] direita, na jovem terra do Brasil, a imagem ciclópica do Cristo”. As multidões de Leningrado e do Rio de Janeiro, não poderiam, jamais contemplar friamente as gigantescas figuras que sua fé construiu “com granito e amor (...) são duas religiões. São duas crenças. Duas místicas. Duas concepções da existência:Cristo e Lenine.”

A construção da estátua de Lênin seria uma demonstração da adoração das massas do grande ídolo que exprimiria, através da sublimação política, o fenômeno religioso sob a marca do dogmatismo científico. O Estado marxista, partindo do materialismo histórico, em oposição ao espiritualismo, tomaria o homem e a sociedade apenas do ponto de vista utilitário afirmando um pragmatismo que, segundo Salgado, seria uma forma de negação, uma “forma anestésica do esquecimento”.

No entanto, a edificação da imagem de Lênin poderia ser vista como um fator positivo. Invertendo seu argumento inicial, Salgado entenderia que a União Soviética caminharia para o que ele denominou de misticismo materialista. Essa marcha, inexorável e acelerada, resultaria da “feição nacionalista extrema” da política soviética. O nacionalismo salvaria a União Soviética do agnosticismo e de uma concepção de mundo anti-espiritualista. A febre mística da “Rússia, com suas superstições, seu espírito de martírio, sua ânsia de infinito” não poderia caber dentro de uma “vulgar” república democrática, nem compreenderia um regime presidencial, representativo ou parlamentar, com liberdades políticas e todo o aparato “inútil” das democracias. A multidão russa compreendeu Lênin porque sua mensagem “era alguma coisa integral, alguma coisa que falava à Rússia a linguagem que sempre entendeu: a do absoluto. E, por isso, Wladimir Ulianoff, negador de todas as crenças, tornou-se símbolo de crença”. A colossal estátua seria a prova concreta do senso místico dos povos, uma vitória sobre o materialismo descarnado da modernidade cientificista.

O último dos textos analisados nesse trabalho é *A Marcha Fúnebre*. Nele, Salgado mantém sua linha argumentativa: o mundo moderno perdeu o senso da alegria. Em sua fixação no materialismo transformou alegria em prazer, e tendo esgotado todos os prazeres caminhou para o aniquilamento. É notável, nesse caminhar para a morte, as transformações ocorridas no conceito moderno de liberdade. Para Salgado, a liberdade política transformou-se em liberdade moral e esta criou a liberdade dos instintos. A liberdade de todos os limbos desconhecidos – o comentário refere-se a psicanálise – atropelou a alma do homem moderno.

O século da máquina virou a “alma pelo avesso”, pois libertou o homem do “terror cósmico” que o mantinha em equilíbrio. De sorte que o homem moderno, na transição do político para o inconsciente, se viu livre de todos os preconceitos morais, de todos os terrores religiosos e de todas as necessidades físicas. Livre e sem equilíbrio, o mundo opulento do “arranha-céu e do jazz (...) caminha soturno e trágico” em grande confusão acompanhando uma marcha fúnebre.



A modernidade como momento regressivo da experiência humana parece dominar os textos de Salgado nesse período de formação intelectual. O “materialismo” parecia ser o principal elemento de erosão da condição humana, o homem confuso e sem direção e a imagem, presente em todos os textos, da marcha desordenada e do rumor de multidões desencontradas seria ponto de partida de uma crítica a modernidade. No entanto, o homem moderno ainda poderia ser salvo, um certo messianismo perpassa os textos analisados. O “esperado” não seria apenas o título de um romance, é uma profissão de fé que Salgado tornará real em 1932. O homem moderno pode ainda ser salvo, o nacionalismo e a fé cristã, permitem a Salgado a crer que o “rumor” pode ser disciplinado e transformado em ação política.

Bibliografia:

- BENZAQUEN, Ricardo. **Totalitarismo e Revolução**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988
- CARNEIRO, Maria L. Tucci. **Autoritarismo e anti-semitismo na Era Vargas (1930-1945)**. São Paulo: Perspectiva, 2001
- CHASIN, José. **O Integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hipertardio**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.
- TRINDADE, Hélió. **Integralismo, o Fascismo brasileiro na década de 30**. São Paulo: Difel, 1974
- VASCONCELOS, Gilberto. **Ideologia Curupira: análise do discurso integralista**. São Paulo, Brasiliense, 1979.